

O VALOR POÉTICO DA CRÍTICA

«A fecundidade da crítica não está no que explica, mas sim no que permite de aproximação entre a obra e o leitor; [...]»

«Descontínuos com eles próprios, como continuariam alguém ou alguma coisa? Morte da poética, nascimento da poesia. [...] aos modernos, ainda os mais inumanos, aos mais desumanizados, sentimo-los próximos, sentimo-los poetas vitalmente, com todo o seu ser; com todo o seu desespero e toda a sua alegria: são homens; [...]»

«Não é só o problema do poeta, mas também o problema do leitor nos é inviolável.»

As linhas em epígrafe foram escritas por Adolfo Casais Monteiro sobre Mário de Sá-Carneiro, num ensaio datado 1929 e 1932, republicado em 1933, na estreia ensaística em livro, pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Considerações Pessoais é revelador a dois títulos: primeiro, da influência exercida por algumas noções capitais do Romantismo no pensamento contemporâneo, aspecto tanto mais relevante quanto Casais Monteiro foi um dos portugueses mais contemporâneos ao seu tempo; segundo, da diversidade própria do movimento da presença, aspecto que o próprio Adolfo Casais Monteiro destacou e a que a Imprensa Nacional-Casa da Moeda já deu o devido destaque nesta edição das Obras Completas. A fim de evitar digressões escusadas num prefácio a uma obra (e não às Obras), comece-se pelo segundo destes aspectos, sumariamente.

*

Ao reunir textos do final da década de 1920 e de princípio da década de 1930, Considerações é um volume no qual encontramos uma nítida continuidade de pressupostos, conceitos e temas (e autores), sem que a entrada, em 1931, para a segunda direcção da presença, afinal a «definitiva», marque qualquer ruptura. A revista coimbrã, na qual Casais já colaborava, sofrera uma cisão directorial na altura quase incompreensível (leiam-se as cartas de Gaspar Simões e Pessoa sobre o assunto, no volume dedicado à correspondência entre Pessoa e os directores da presença, na edição crítica da INCM), mas a entrada no directório da revista do jovem Casais Monteiro não assinala nem uma redefinição da revista nem uma viragem súbita no ensaísmo do poeta portuense formado em Histórico-Filosóficas.

Atendendo à dedicatória do volume seria de esperar o contrário: «Ao José Régio e ao João Gaspar Simões», os outros dois directores da «Folha». Poderia, até deveria, indiciar outra coisa. Tanto ao nível da sua formação académica, susceptível de complementar a formação em Letras de Régio e em Direito de Gaspar Simões, como pela sua maior atenção às dimensões propriamente políticas envolvidas na actividade artística e crítica na década de 1930 em Portugal (posteriormente causa da ruptura com Gaspar Simões e do fim definitivo da revista), Adolfo Casais Monteiro poderia ter influído de forma mais nítida e definida na orientação editorial da revista do que efectivamente fez nos primeiros anos da sua pertença à direcção.

Ler Considerações Pessoais, a mais de sete décadas de distância da sua edição original (e até agora única), distância em que tanto aconteceu, ajuda a perceber porque não foi assim.

*

A primeira sensação ao ler este livro é de estarmos perante um abrégé da crítica literária que mais associamos ao século XIX, perfeita de «génio», «profundidades» e «alturas», sem quase excepção alguma à linguagem do sublime estético com que o Romantismo se fez desde os irmãos Schlegel — e com que se fez tanto do que lhe sucedeu, mesmo contestando-o. Os ensaios do jovem Adolfo Casais Monteiro estavam em contacto com «os de presença», mas saíam prematuramente envelhecidos se comparados com os textos da década de 1920 de José Régio, cuja descoberta dos de Orfeu havia levado a um aggiornamento crítico relevante, mesmo sem as bases filosóficas de que Casais Monteiro dispunha e, sobretudo, mesmo sem nunca ter logrado cumprir todo o exame conceptual necessário para definir rigorosamente uma crítica literária moderna. De novo atraídos para a órbita da presença, mas por pouco tempo: não só esse «presencismo ideal», de Régio, Simões ou outro, nunca existiu para Adolfo Casais Monteiro (remetemos para o volume O que Foi e o que não Foi o Movimento da «Presença» destas Obras Completas), como o que aqui se evidencia é a relação diferenciada de Casais Monteiro com Régio e com Gaspar Simões. É na distância face aos outros dois directores da presença que o seu registo pessoal surge, sem nunca se confundir com os seus dois companheiros de direcção.

Face a José Régio, Adolfo Casais Monteiro ensaia uma série de afinidades reveladoras da influência que «o» director da presença detinha sobre os seus próximos (e não só), influência não de ordem doutrinária mas crítica, isto é, não dirigista mas reflexiva: assim no ensaio «Mário de Sá-Carneiro», onde segue muitas pistas regianas; assim em «O homem Goethe», em que a figura do homem universal alemão, tão cara a pós-românticos como Régio (e António Sérgio), surge diferenciada do seu sucesso público; assim em «Cinema, mundo do instante», em sintonia com a atenção crítica de Régio ao cinema enquanto forma moderna de arte viva — e clássica. Expressão consumada desta relação com o criticismo regiano será talvez o primeiro ensaio, «A arte contra a ordem», no qual surgem muito vincados quer o leitmotiv do discurso crítico moderno (a liberdade, única atmosfera possível) quer os limites conceptuais em que esse discurso começou a ser elaborado no século xx português, em particular na concepção de «génio» que ressurge por todos os ensaios seguintes (sobretudo em «Divagação a propósito de algumas palavras imprecisas» e «O homem Goethe»).

Perante João Gaspar Simões, os ensaios aqui publicados denotam outras afinidades, mas também estas tardiamente românticas. E, de novo, é a flutuação conceptual que permite acompanhar a leitura que Adolfo Casais Monteiro fez das teses de Gaspar Simões da arte como «deformação» e da poesia como «mistério». No caso da «deformação», merecem leitura cuidada as variantes que o próprio título do livro conhece: Considerações Pessoais torna-se «interpretações pessoais» (em

«Mais além da poesia pura») e, destas, em «expressão» (ainda em «Mais além...», e em «A realidade poética», onde se menciona expressamente a «deformação» por Gaspar Simões), em «intuição» que prolonga e realiza o «génio» (no ensaio sobre Sá-Carneiro), até surgir, em «Da inquietação», com nome que mais se lhe adequa — «superação»: «Essa inquietação manifesta-se sob os mais variados aspectos: desde a mais pura poesia, até à crítica social e política. Mas, por diversas que sejam as formas, nós saberemos sempre reconhecer o homem no qual a garra da inquietação pôs o seu indelével sinal. O lema é sempre o mesmo: superação! Quer aspire à mais perfeita expressão das suas intuições poéticas, quer trabalhe para uma transformação social que dê a todos os homens o direito a viver livre e plenamente, o homem procura sempre ultrapassar um presente imperfeito, e, aspirando a mais beleza ou a mais justiça, é sempre um enriquecimento dos valores da vida que pretende.» («Da inquietação», segunda parte.)

Este breve trecho, extraído de um texto de 1933, resume bem as marcas de pré-presencismo e de pós-presencismo que sempre se irão encontrar no ensaísmo deste período de Adolfo Casais Monteiro. Desde os temas da inquietação e da poesia pura, românticos e erroneamente associados ao (inencontrável) «presencismo», até à «crítica social e política» que define o discurso crítico português nas décadas de 1930 a 1950, quando o demoliberalismo perde credibilidade na Oposição ao Estado Novo e o Comunismo «neo-realista» adquire uma hegemonia cultural patente na «crítica de tendência» teorizada na «polémica interna do neo-realismo», aquelas breves

linhas do texto com que Considerações Pessoais encerra são uma súmula das grandes tendências do discurso crítico europeu tal como ele se exprimiu em Portugal durante a primeira metade do século XX. E, com o rigor que o tempo dará cada vez mais ao seu autor, nelas  já enunciada a relação entre direito a liberdade e enriquecimento dos valores da vida, como correcção da imperfeição do presente.  disto que a «superação» artística também se faz.

Por isso, Considerações Pessoais não  só um livro do século XIX, extemporaneamente ensaiado em diálogo com Régio e Gaspar Simões (e Leonardo Coimbra).

*

Em Considerações Pessoais há dois ensaios cujo trabalho conceptual não  legítimo esperar encontrar em Régio ou Gaspar Simões, ensaios «filosóficos», como se costuma dizer. Já foram aqui referidos, «Divagação...» e «Da inquietação». Neles é a linguagem, a terminologia, se quisermos, que é explorada como caminho para uma crítica das categorias dominantes na Esttica corrente  época. Esse caminho permite percorrer também outros ensaios do volume (como as remissões internas do próprio Casais Monteiro esclarecem), mas tem sobretudo um valor específico, que não deve ser ignorado nem pode ser reduzido a instrumento do crítico.

Vale a pena começar por aqui se quisermos perceber até que ponto este livro não é apenas um volume de ensaismo romântico. Não só no século XIX, mas também entre os «jovens»

que em 1915 se opunham ao Republicanismo de cátedra de um Teófilo Braga e de um Júlio de Matos, o discurso crítico português subestimou quase sempre o papel próprio da Linguagem e a sua função estruturante na argumentação crítica. Não por acaso, tão tarde quanto na década de 1960, o nome de Adolfo Casais Monteiro será referenciado, entre outros mais novos (Eduardo Lourenço, Óscar Lopes, Jorge de Sena), como antecessor da «nova crítica» que introduz na Universidade portuguesa o estruturalismo das ciências humanas francesas «pós-humanistas». Muito do que é essencial em Adolfo Casais Monteiro enquanto crítico passa por esta relação intencional com a função crítica da Linguagem, e isso é já legível nestes ensaios de 1933.

Sucedede que na hora europeia de 1933, pela qual se regiam os de presença, e melhor ou pior foram os únicos a fazê-lo nessa década em que até a Seara Nova se «comunizou» para grande tristeza de Sérgio, essa atenção ao conceptual e à vida da arte numa linguagem insólita para o seu público saiu obscurecida por um conjunto de factores políticos bem conhecidos (e como soa ingénuo o «não-conformismo» com que o livro encerra, em 1933). Dessa situação decorreu o fim natural de presença, como o próprio Casais Monteiro também observou ao reflectir sobre o movimento a que pertencera. Mas não a obsolescência da crítica de Adolfo Casais Monteiro. A atenção à função crítica da linguagem explica muito, mas não tudo. Como se pode constatar no ensaísmo que escreveu posteriormente, por exemplo no inédito publicado nestas Obras Completas, Melancolia do Progresso (em especial nas

suas partes I e II), a sua atenção ao «social e político» que suscitou a cisão definitiva na direcção de presença permitiu-lhe operar com sucesso uma evolução no seu discurso crítico por muitos tentada e por quase todos falhada. Lendo os textos de Considerações Pessoais resulta claro como os textos das décadas de 1950 e 1960 coligidos em Melancolia do Progresso exploram ainda a atitude do ensaísta de 1933 que, simultaneamente, defendia uma concepção romântica de arte até pré-presencista enquanto já prestava atenção a questões muito concretas da crítica, entendida como mediação cultural, habitualmente (ainda hoje) reduzidas a fórmulas do tipo «papel», «empenhamento» ou «traição» dos intelectuais. A passagem de um registo cívico, típico do seu ensaísmo escrito em Portugal, para o registo mais elaborado em termos teóricos, próprio da sua actividade na segunda metade do século, fez-se sempre numa linha de continuidade, já citada em Considerações Pessoais: a liberdade.

Adolfo Casais Monteiro evoluiu como crítico não só por se ter «especializado» enquanto académico mas sobretudo por ter conseguido aceder à atmosfera que, já em 1933, sabia ser a única capaz de sustentar vida crítica e artística. Desse acesso e do seu empenhamento pessoal resultou o papel intermediário que a crítica de Adolfo Casais Monteiro adquiriu com os anos: acessível a «presencistas» e «neo-realistas» mas também (o que não significa «igualmente») a «estruturalistas» e «novos críticos» em geral, Casais Monteiro escreveu não só para vários públicos mas para várias gerações. Foi pela liberdade, pela impessoalidade da sua crítica, mesmo quando

fortemente polémica como era norma à época de Considerações, que o seu trabalho resistiu até hoje com uma integridade própria e uma originalidade incomum num país tão pouco europeu e tão dado a importações de modas intelectuais como o Portugal do século xx. A liberdade que caracteriza o desalinhamento intelectual do Casais Monteiro adulto está já em exercício nestes ensaios e por isso mesmo foi objecto quer de equívocos (como numa escusada polémica com João Pedro de Andrade) quer, mais tarde, de esquecimentos voluntários (por parte de todos os que, ao contrário de Eduardo Lourenço, preferem escrever como se Casais — e Sena, aliás — nunca tivesse contraditado a tese da presença como «contra-revolução»). Tal liberdade torna a leitura de Considerações Pessoais mais interessante do que a estrita consideração dos seus ensaios permitiria, poder-se-ia mesmo aplicar-lhe o mesmo tipo de explicação que Casais deu da importância do criticismo regiano ao fazer notar que preferir Fernando Pessoa a Fidelino de Figueiredo era, em 1927, uma ousadia difícil de apreciar pelos que vieram mais tarde. Também muito do que aqui se encontra, quase sempre apenas pressuposto, tem essa marca de estranheza moderna que lhe era tão cara e que todos lhe notavam (Gaspar Simões descreve-a fisicamente nas suas memórias, a propósito do título Confusão), a estranheza de homem moderno, europeu, livre, face a um meio acrítico e, por isso mesmo, doentiamente pessoalizado e inerte: «(Não se suponha que me refiro à crítica nacional; essa, nem sequer é má, porque não existe. Estas reflexões são gerais, e suponho que aplicáveis a qualquer país — e a qualquer público.)» («Dificuldades da crítica literária».)

São linhas também abusivas? Sim. E nem sequer muito originais? Também. No entanto, distinguem-se por aquela vocação impessoal necessária à universalidade, pela aplicação a «qualquer público», pela ambição de escapar ao provincialismo que Pessoa descrevera (e que por fim o prendeu à língua portuguesa) e ao «provincialismo» com que mais tarde quiseram crismar o directório presencista (o que Casais sumariamente comentou).

Por isso, muito para além da sua contribuição para o culto pessoano (ao relevar «Autopsicografia» e ao inquirir a noção de heteronímia, numa atenção ao detachment a que Pessoa era tão sensível), e além das suas marcas remotas naqueles que são posteriores mesmo à «nova crítica» da nossa década de 1960 (penso em casos concretos, mas não desenvolverei esse ponto aqui), Considerações Pessoaís é um livro que existe em muitos mais planos do que aqueles a que nos seus ensaios se consagra. Pessoaalidade maximamente impessoal daquele que citou («Dificuldades...») o Journal dos Goncourt: «On n'écrit pas les livres qu'on veut.»

*

E o mesmo haverá a dizer de certos prefácios. Evocando uma célebre carta de Pessoa a Gaspar Simões, também este parece ser, no seu esforço por não se perder em digressões, um texto entre um que já escrevi e outro que ainda me falta escrever. Mas terá sobretudo de ser um texto sobre um livro praticamente esquecido (o exemplar de que me sirvo,

pertença de uma biblioteca universitária de Lisboa, por oferta de Rodrigues Miguéis, estava ainda com numerosas páginas por separar...). Apetece de facto aproveitar o ensejo e ler nele mais do que efectivamente se deve fazer, por não faltarem as sugestões: o vago construtivismo de «Mais além da poesia pura», ou os ecos de Weber e Sérgio no final de «Da inquietação» («fé apesar de tudo» e «espectros»). Por felicidade, não é de todo necessário fazê-lo para terminar de modo sugestivo.

Nas Considerações Pessoais, uma das remissões internas articula um passo de «Mais além da poesia pura» com um de «Mário de Sá-Carneiro». O que os une é o exercício do pensamento da linguagem, em que os «valores poéticos» são pensados, afinal, como «o valor poético de cada coisa». Longe de ser um jogo de palavras, é o problema capital da crítica, e não só da literária: «pois cada um tem a sua concepção acerca do que seja o valor poético de alguma coisa». Esta valoração de todas as coisas, valoração nem por isso menos poética (artística), aliás por isso mesmo libérrima, é pelo menos desde Considerações Pessoais a impessoal condição da pessoal arte, poética e crítica, de Adolfo Casais Monteiro. Para quem, como se sabe, a arte é, não serve.

*

«[...] o artista-crítico será aquele que igualmente traga até nós, sem as reduzir a esquemas inanimados, e fazendo-nos comungar na sua contemplação, aquelas obras que achou dignas

do nosso amor. Porque, muitas vezes, passamos, indiferentes, junto da obra mais admirável, e a nossa inatenção poderia tornar-se, com o tempo, numa injustificada depreciação baseada na longa ignorância, se a voz generosa e convincente do crítico não se interpusse, levando-nos a ver o que até ali permanecia opaco aos nossos olhos distraídos. E só é capaz de ser esse intérprete digno dela aquele que muito amor tem por uma obra, e dela possui um não menor e clarividente conhecimento.» [Adolfo Casais Monteiro, «Dificuldades da crítica literária» (in fine).]

Caxias, Novembro de 2003.

CARLOS LEONE

ÍNDICE

<i>O Valor Poético da Crítica,</i> <i>por CARLOS LEONE</i>	9
---	---

CONSIDERAÇÕES PESSOAIS

A arte contra a ordem	25
Dificuldades da crítica literária	35
Divagação a propósito de algumas palavras imprecisas	41
Clareza e obscuridade	53
O homem Goethe	61
Mais além da poesia pura	69
A realidade poética	79
Mário de Sá-Carneiro	85
Benjamín Jarnés	113
Cinema, mundo do instante	125
Da inquietação	133